

Título:

As Jornadas de Junho de 2013 e a formação social do sujeito: uma leitura a partir de Martín-Baró

As Jornadas de 2013 foram um movimento de protestos que emergiu no Brasil, inicialmente motivado pelo aumento das tarifas de transporte público. Depois de protestos semelhantes em Porto Alegre/RS, no início de 2013, em junho, o que começou como uma manifestação local em São Paulo rapidamente se transformou em uma onda de manifestações em diversas cidades do país, envolvendo milhões de pessoas. Esses movimentos abordaram não apenas questões de transporte público, mas também uma ampla gama de insatisfações sociais, políticas e econômicas o que, ao nosso ver, representa a importância desse movimento na capacidade de mobilizar diferentes segmentos da sociedade e de provocar um debate intenso sobre o papel do Estado, a democracia e os direitos civis no Brasil.

Por isso, entendemos que, à medida que os sujeitos se inserem em espaços políticos, os processos de reflexão e de conscientização sobre a sua própria realidade se tornam possíveis, tornando-os protagonistas de sua própria história. Isto posto, o presente trabalho tem como **objetivo** apresentar e discutir os resultados parciais da pesquisa intitulada "Dimensões Educacionais das Jornadas de Junho de 2013" que teve como objetivo analisar as motivações, experiências e trajetórias após as jornadas de junho.

Em clara **articulação com o Eixo 04** - Direitos, movimentos sociais e desafios à Democracia, o qual visa discutir a práxis psicossocial junto aos movimentos sociais e coletivos de luta pela garantia de direitos, representatividade, justiça social e defesa da democracia; e com o Grupo de Trabalho 53 - Trincheiras da Psicologia Social Crítica: lutas, resistências e organizações populares em Territórios periféricos, o presente trabalho apresentará dados que possibilitam refletir sobre a construção do sujeito em sua ação política no contexto das mobilizações sociais ocorridas em junho de 2013. Em seus **aspectos metodológicos**, foram realizadas 37 entrevistas semiestruturadas com ativistas e militantes durante as manifestações que visavam analisar a complexidade das ações coletivas de 2013, que marcaram as memórias e as concepções políticas de grande parte destas pessoas.

Considerando a profundidade dos elementos trazidos nos relatos coletados, neste trabalho vamos apresentar a análise de uma das entrevistas, sendo essa a da participante Rita, que é uma mulher negra, bissexual, assistente social e militante. Vale salientar que, de acordo com a participante, a sua formação política se deu em movimento católico progressista (JBD – Jovens em Busca de Deus) de

Fortaleza/CE, dado que nos apresenta um elemento de articulação com as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's).

O trabalho se orienta pela Psicologia Social Crítica, a qual propõe que o sujeito se constroi dentro dos espaços sociais por meio de seus entrelaçamentos com a realidade material e objetiva e que, nessa relação, o sujeito participa ativamente da construção da sociedade a qual pertence. Com base nela, entendemos que os movimentos sociais podem funcionar como espaços de construção de subjetividades que, atravessadas por elementos da realidade social, se utilizam dos movimentos sociais como potenciais espaços para a práxis. Nessa perspectiva, o pensamento de Baró (1996) corrobora tal reflexão considerando os processos de conscientização como conexão entre o sujeito em sua dimensão psicológica e o mundo ao qual habita em seus aspectos sociais e políticos. Além disso, o pensamento de Milton Santos, em *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988), contribui para pensarmos as relações entre os sujeitos e os lugares sociais aos quais estão vinculados, ao expor que tal espaço deve ser compreendido como uma construção social, marcada pelas contradições entre a lógica técnica do capital e a vida cotidiana das populações.

Na pesquisa aqui apresentada a participante traz que a sua motivação para fazer parte das Jornadas de 2013 se deu com o objetivo de denunciar as obras da Copa do Mundo de 2014 que causariam uma remoção em massa em sua comunidade, o Lagamar, bem como evidenciar a falta de diálogo com o então governador. De acordo com a participante, sua mobilização visava denunciar os impactos que causariam essas intervenções.

As falas de Rita exemplificam como o espaço urbano é continuamente (re)organizado por interesses econômicos que desconsideram os sujeitos que o habitam, resultando em processos de segregação e exclusão, expressando resistência à apropriação desigual do território e à negação do direito à permanência e à dignidade em seu lugar de moradia, como é possível observar no seguinte trecho:

A gente não estava nesse movimento, a gente era um movimento isolado da comunidade, a gente sabia que os atos estavam acontecendo, a gente foi para todas as manifestações que tiveram, as grandes manifestações. A nossa pauta dentro daquele caos que foi a Jornada de Junho, ela não comovia as pessoas, porque tinha ali um peso muito grande de pessoas que não tinham a mesma realidade que a gente. Então **a gente se sentia a cota pobre dentro das Jornadas de junho.**

As falas trazidas durante a entrevista exemplificam o motivo da participação deles nas Jornadas: a busca por visibilidade. No entanto, teria sido apenas uma decisão estratégica, motivada pela visibilidade que as Jornadas ofereciam? Como a participante afirmou: “a gente tem que ir porque lá tem muita, muita televisão e pelo

menos eles vão ver que quem está sendo removido está gritando!” (Rita, entrevista). Ou haveria algo além? É possível que a decisão de participar estivesse também ancorada em uma dimensão simbólica mais profunda, relacionada ao pertencimento coletivo e à força de um espírito comum de luta. Além disso, ao se referir ao aspecto da representatividade dentro do movimento, a fala da participante expõe certo incômodo dentro do movimento maior, afirmando que “se sentia a cota dentro das jornadas”. Para ela, 2013 é identificado pelas grandes manifestações multitudinárias durante “Junho”, quando pessoas brancas de classe média desdenharam da pauta de Lagamar.

Apesar dessa fala poder representar elementos de contradição presentes em uma sociedade dividida em classes - fato que não isentaria os movimentos sociais - entendemos que a ausência de percepção de si e dos movimentos de moradia dos quais participava como parte da latência das Jornadas, assim como da não percepção de que outros protestos progressistas que se seguiram a “Junho” (como o Ocupe o Cocó e os próprios movimentos de moradia) fazem parte do mesmo ciclo de protestos, podem representar também as lacunas na construção dessa subjetividade coletiva, o que pode estar relacionado ao curto período de tempo de sua inserção nos movimentos sociais e nas lutas políticas¹.

O sentimento de exclusão em relação às Jornadas pode ter ocorrido por motivações centrais: a primeira foi o fato de considerar que naquela multidão, a sua demanda, o seu grito, parecia não ter valor frente ao “repertório de contestação” que se apresentava como predominante naquele momento por uma massa recém-chegada às ruas vindas das classes médias brancas - o repertório patriota e a pauta da corrupção; a segunda devido ao movimento não se identificar com o público, que era de maioria branca e de classe média, o que se diferenciava significativamente do seu coletivo, formado por pessoas periféricas, “faveladas”, pobres e negras, que tinham a demanda territorial como pauta.

Refletindo sobre as falas da participante em articulação com o conceito de mente grupal de Baró - o qual afirma que todos os membros de uma sociedade participam de algo comum, “algo que não é material, mas espiritual, e que os mantém unidos para além de diferenças e interesses individuais.” (Martín-Baró,

¹ Rita iniciou seu movimento político em 2010 nos atos de rua, reivindicando a entrada do Lagamar como ZEI (Zonas Especial de Interesse Social) no Plano Diretor de 2009 – instrumento básico da política urbana do município

2009, p. 33), entendemos que a escolha de Rita pelas Jornadas de Junho não foi apenas pragmática, mas também expressão de uma comunhão afetiva e política, em que as dores e as lutas de uns ressoam nos corpos e nas vozes de outros. E, apesar dos movimentos sociais representarem grupos que foram historicamente marginalizados (Jesus, 2012), deve-se considerar também que esses não estão isentos de contradições pois são compostos por indivíduos que podem carregar objetivos particulares diferentes e dialéticos e que é também a partir das diferenças que se torna possível construir novas articulações entre as diferentes lutas, como os percebidos nas Jornadas de 2013.

Posteriormente ao momento dos atos durante junho de 2013, Rita fez uma análise mais ampla, pois teve conhecimento que outros coletivos também estavam presentes e com o mesmo objetivo, de denunciar as remoções e o descaso do governo. Efetivamente, as Jornadas de 2013 tiveram diversos “repertórios de contestação” atuantes, (Alonso, Mische, 2017), nesse sentido, a Psicologia Social Crítica é convocada para que seja possível reconhecer e se envolver com os sentidos atribuídos ao território pelos sujeitos que o habitam e o defendem como espaço de existência, pertencimento e luta.

Referência bibliográfica:

ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. Repertórios em disputa nas jornadas de junho de 2013. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1–20, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Acesso em: 25 de maio de 2025].

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. A visão histórica da psicologia social. In: _____. *Problemas de psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9–42.

Jesus, J. C. (2012) *Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada*.

Psicologia e Saber Social, 1(2), 163-186, 2012.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.